ANNO I — Ovar, 1 de Setembro de 1910 — NUMERO 51

Regenerador Liberal

SEMANARIO MONARCHICO

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao "Regenerador Liberal„ — OVAR

COMPOSTO E IMPRESSO NA Typ. Fonseca & Filho Rua da Picaria, 74 — PORTO

DIRECTOR e PROPRIETARIO
Amadeu Peixoto Pinto Leite
SECRETARIO da REDACÇÃO
Manoel Maria Correia Vermelho

ASSIGNATURA
Em Ovar (anno) . . . . . 1$000 reis
Com estampilha (anno) . . 1$200 »
Brazil e Colonias . . . . 1$500 »

PUBLICAÇÕES
No corpo do jornal, a 60 reis a linha, largura d'uma columna. Annuncios e communicados, 20 reis; repetições 10 reis. Annuncios permanentes, contracto especial.
Redacção e Administração
Largo de S. Miguel—OVAR

A lista da villa

I

Depois da morte politica de Manuel Aralla, que engrandecera Ovar com toda a influencia do seu nome e com toda a honestidade do seu caracter, a nossa villa tem-se arrastado ronceiramente ao trenó da indifferença dos seus filhos mais influentes e melhor situados que desamaram, na atmosphera de intrigas, vaidades e pequenezas de toda a ordem, o progresso moral e material d'Ovar.

D'hoje em diante é preciso lançar ao ostracismo a politica caseira que rôe, como um verme parasita, os primeiros renovos de vida e acção social que todos tinhamos a esperar dos decantados melhoramentos que desde longe se veem promettendo á nossa terra.

E' preciso muita honestidade d'ora avante na politica, mais do que na politica, nos nossos homens publicos e influentes vareiros, para se não enterrar a nossa pobre villa, tão populosa, tão apta para viver a vida desafogada das grandes terras, para se não enterrar, repetimos, no grande charco em que tem hybernado depois que o Aralla e rivaes condignos d'elle, deixaram ás moscas e á ambição dos incompetentes, as redeas do nosso governo municipal.

D'hoje em diante não mais faremos aqui politica *do alto*, politica que lambe as botas dos politicos á porta dos Ministerios, como alguns costumam, na sollicitação de empregos, benesses e injustiças que teem sempre echo nefasto no retinir antipatriotico das migalhas do Herario Publico.

Cada vez nos vamos capacitando mais da falta de dignidade, da falta de nobreza, da falta de patriotismo, da falta de caracter que vermina e corroe os nossos homens publicos de alto cothurno, que presidem e teem presidido ao desgoverno da nossa patria. Monarchicos e republicanos, gregos e troianos, pescadores de rede e pescadores d'anzol, a todos os dirige a sêde desenfreada de arranjar partido e de se engrinaldar com o pennacho do mando e das regedorias supremas da nação.

Deixemol-os a elles lá por cima, sósinhos como Judas infames, a negociar a patria e o Rei; que vendam a nação á Inglaterra ou que a entreguem á horda infrene do jacobinismo; que negoceiem as colonias que descobrimos com tanto denodo e heroismo ou que negoceiem o suor do nosso povo infeliz... já nada podemos fazer, os bons ovarenses que amam a patria e a sua villa. A nossa indifferença perante o descalabro e ruina do paiz póde ser um crime; mas esse crime deve ter a attenuante da impossibilidade de nós, os vareiros, não podermos, sosinhos, pôr côbro ás desgraças que rodeiam e espreitam Portugal. Mas a nossa indifferença perante o descalabro e ruinas em que se vae envolvendo a nossa villa, alem de ser um crime inqualificavel, seria uma infamia nefanda, uma maldição sobre o nome de todos nós que tivemos por berço esta villa infeliz e que tem sido joguete de todas as paixões, incurias e roubos.

E' necessario, pois, que todos os vareiros se unam e congreguem em róda do mesmo ideal da restauração da villa. Muitos melhoramentos estão já esboçados, muitos planos de progresso estão já feitos.

Vamos ter d'aqui a pouquissimos mezes novas eleições da Camara. Para essas eleições é que deve acordar a vontade firme dos indifferentes e dos bons vareiros que, tendo sido bons e amigos da sua terra, ou por falta de esperança ou por commodismo criminoso, teem deixado correr os marfins.

E' preciso que se abafe o echo das eleições de 28, que se esqueça tudo isso, que se deixe governar lá pelas altas regiões aquelle que teve mais sede e menos dignidade. E nós, esqueçamos por algum tempo essa politica de alto bordo e viremos as nossas attenções para a nossa terra.

Venha uma lista da villa. Venha uma camara honesta e composta de homens serios. Não queremos dizer que os da actual camara sejam menos honestos. Longe de nós suppor tal. Mas queremos além de homens sérios, homens emprehendedores, homens de acção e que tenham a bella vaidade do seu nome, isto é, que queiram colher, com a deposição do seu mandato municipal mais tarde, a benção dos seus compatricios.

Que esses homens sejam progressistas ou republicanos; regeneradores ou franquistas, de pouca monta é isso, se a todos elles os animar o desejo de servir a terra e de não fazer politica de facção, á sombra da missão de confiança de que foram encarregados pelos seus conterraneos.

Esperamos que a imprensa loca. se manifeste sobre esse assumptol

E' assim que pensamos, por que é assim que ao ouvido nos falla a voz da justiça e da razão.

Exames do 2.º grau

O resultado dos exames effectuados até ao dia 23 do corrente é o seguinte:

Manoel Pereira de Sá, Marcellino Coelho, Quintino Augusto de Souza, *approvados*; Moysés Ferreirinha Amador, distincto.

Rodrigo dos Santos Ferreira, Celestino Ferreira Alves, David Avellar, Alvaro Esperança, Amadeu Dias, Antonio Estriga e Antonio d'Oliveira da Graça, *approvados;* Carlos Ribas, *distincto*.

Joaquim Rodrigues da Cruz, Manoel Alves Fardilha, Pedro Rodrigues, Antonio da Silva de Pinho, Antonio Valente d'Almeida Junior e Augusto Lopes Pinto, *approvados;* Valentim Alves Fardilha e Antonio Rodrigues, *distinctos*.

Obteve plena approvação no seu exame de instrucção primaria, 2.º grau, o menino David José Martins, extremecido filho do importante capitalista d'esta villa, sr. Affonso José Martins.

E no lyceu do Porto obtiveram classificação de distinctos no mesmo exame, Messias Cardoso Relvas e Raul Luiz Cardoso Relvas, filhos extremosos do nosso bom amigo sr. João Tavares Cardoso.

Parabens.

Parabens

Damol-os ao nosso amigo e conterraneo Padre Manuel André Boturão, digno abbade da Feira e capellão fidalgo, pela annullação da censura feita pela Camara Municipal d'aquella villa ao seu procedimento por occasião da festa do Corpo de Deus.

Eleições

Ainda não sabemos definitivamente o resultado das eleições para deputados.

Os republicanos ganharam muito com as *boas vistas* do governo.

O governo, apesar dos processos infames de que lançou mão, não obteve uma coisa por ahi alem.

No nosso districto, ao que nos consta, perdeu em toda a linha.

As minorias foram-se por agua abaixo. Com os deputados de que dispõe o governo nada fará no parlamento, nem mesmo que os republicanos lhe paguem com o seu mutismo os favores escandalosos que lhe dispensou o medico das Pedras Salgadas e regedor-mor do Reino.

Discurso do sr. conselheiro Martins de Carvalho

Politica monarchica

Em pouco se póde resumir a politica que das instituições reclamam o seu proprio interesse e o interesse supremo do paiz. Precisa-se que a monarchia seja monarchica, que as instituições façam politica monarchica, por mão de governos monarchicos. Não basta que a monarchia reine, mas governe a republica, ou governem os republicanos. Não basta uma monarchia contemplativa e desprendida das coisas terrenas: —o paiz precisa de uma monarchia, cujo reino seja d'este mundo.

Ao paiz não serve a monarchia, que serve aos republicanos, uma monarchia sem instincto de conservação. Ao paiz não convem a monarchia, que aos republicanos convem — uma instituição reduzida a um alvo impassivel e inerte para as balas dos inimigos. E' indispensavel que em logar de encontrarem um alvo passivo, os que atacarem as instituições encontrem n'ellas o terrivel adversario, que as instituições republicanas sabem exhuberantemente ser para aquelles que subversivamente os combatem.

E' natural que os revolucionarios desejem e esperem das instituições uma absoluta passividade; não é natural, porem, que se lhes faça a vontade.

Todos os revolucionarios fazem consistir a noção da liberdade na plethora da vontade individual, na sua expansão invasora e aggressiva. Governados, a completa liberdade que reclamam, concretisa-se para elles na completa impunidade: governantes, fundam o Terror, se as circumstancias o consentem, e levam ás ultimas consequencias o despotismo jacobino. O liberalismo jacobino da opposição e o despotismo jacobino do poder são duas consequencias egualmente logicas d'aquella necessidade morbida de fazer prevalecer uma exaltada vontade, que extravasa e tende a transpor todos os limites. E' lição de comesinha psychologia, confirmada por atrozes e formidaveis lições de cousas, que a historia nos dá: do revolucionario ao despota vai apenas a distancia que existe entre a opposição e o poder. O jacobino não póde supportar nem comprehender a liberdade alheia a restringir a sua propria liberdade: não tolera, nem concebe sequer que o poder resista aos seus actos revolucionarios, nem que os governados resistam aos seus actos de despotismo. E aqui está a razão porque homens, que acham tão natural como beber um copo de agua pôr em risco a vida de milhares de pessoas, se exaltam e deliram com a simples possibilidade de encontrar uma resistencia e de correr qualquer risco nas suas pessoas ou na sua liberdade. Os revolucionarios de 28 de janeiro foram surprehendidos com centenas de bombas explosivas, mais que sufficientes para produzir uma chacina sem precedentes na historia de nenhum paiz. Pois ficaram indignados e desvairados porque a monarchia ousou esboçar um gesto de defeza.

Comprehende-se, que seja da psychologia jacobina desejar e esperar da monarchia uma inercia absoluta. Essa inercia não póde pertencer, porem, á politica da monarchia.

Não quer o paiz uma monarchia irrequieta, aggressiva e provocadora. Mas quer uma monarchia militante, uma monarchia que seja combativa no momento de combate. Quer uma monarchia que se defenda. As instituições que se não defendem, não nos defendem a nós. A primeira razão de ser das instituições está na garantia da paz publica, condição essencial para o funccionamento normal e para o desenvolvimento progressivo das diversas forças economicas e moraes da nação.

Não póde inspirar confiança uma monarchia, em que valha a pena, moral e materialmente, ser republicano, e em que seja incommodo, contraproducente e até perigoso ser monarchico. E é isto o que está acontecendo em Portugal. Philosophos untuosos, como o sr. Bernard no Machado, que a carta do conselho persegue inexoravelmente —chamam os novos para o partido republicano, não em nome de um idealismo desmudado, de um anachronico romantismo, mas, muito mais praticamente, em nome de um planturoso epicurismo. Convidam-nos a filiarem-se no partido republicano para angariar largas clientellas de advogados e de medicos. E podiam, com egual razão, convidal-os a filiarem-se no partido republicano para obter empregos publicos da monarchia, ou accesso e melhoria nos que já tenham. Em verdade, a melhor receita de obter da monarchia empregos e accesso, é a filiação no partido antidynastico. E todo o funccionario que se declare republicano póde, ou não fazer nada, ou fazer tudo que lhe venha á cabeça, com a antecipada segurança de uma impunidade absoluta e pelo menos de uma effectiva inamovibilidade.

NA PRAIA

O mar é sempre encantador.

Incomprehensivel como a alma humana, insondavel como os mysterios do coração, fascina e attrae, commove e subjuga, no revolvêr contínuo das suas aguas.

A gravura que hoje publicamos traduz uma d'essas phases da alma humana que se deixa emballar algumas vezes na penumbra mysteriosa do sonho, no sonho martyrisador em que envolvemos o nosso futuro, o nosso amor, o esquecimento das nossas desgraças passadas e a duvida feroz do nosso futuro dourado.

Ali a vemos, a apaixonada, a triste, a mysteriosa creatura, que se revê na placidez d'um mar de rosas, pensando revêr-se ao espelho na vespera do seu noivado.

O que irá por aquella alma?

Somos uma monarchia, em que os republicanos fazem a chuva e o bom tempo; em que as instituições não deixam passar um só dia sem embotar ou anniquilar de todo uma das grandes forças sociaes em que se apoiam, para satisfazer assim as reclamações dos adversarios.

O paiz não quer uma politica de perseguições e de violencias injustas, mas exige que se ponha um termo á politica suicida, que está sendo a das instituições. O paiz quer instituições que se defendam e não comprehende uma monarchia com uma burocracia republicana e com uma pedagogia republicana. Não é licito que façam propaganda e conspirem contra as instituições os funccionarios do Estado monarchico, a pretexto de que são funccionarios do Estado e não o são da monarchia. A França mostra-nos eloquentemente como as republicas sabem repudiar toda a distincção abstracta e metaphysica entre funccionarios do Estado e funccionarios da republica.

A chamada neutralidade de quaesquer instituições perante o ensino e a acção politica dos funccionarios, não é neutralidade, é impotencia.

Não póde, nem deve apresentar-se a monarchia como uma instituição, que se sinta anachronica e meramente tolerada. Deve proceder como uma instituição que julga corresponder e corresponde effectivamente ao ideal e ás necessidades da nação n'este momento historico, que julga constituir e constitue effectivamente a garantia suprema da autonomia do paiz e do seu desenvolvimento progressivo. A monarchia deve proceder como quem tem atraz de si um glorioso passado de oito seculos, que é todo o passado do paiz, toda a sua historia. Deve proceder como quem ainda no ultimo reinado fez entrar no seu activo historico o brilhante desenvolvimento da nossa acção colonisadora e a consolidação de uma honrosa situação diplomatica. Deve proceder como quem se sente e é absolutamente indispensavel.

Oito seculos da mais bella e miraculosa historia, que jámais existiu, oito seculos gloriosos de monarchia não pódem reduzir-se a uma mera transição para uma republica amassada com o sangue de um rei e de um principe assassinados. Oito seculos de governo de reis não pódem ficar absurda e miseravelmente reduzidos a um prefacio ou a uma antecamara de um regime de regicidio—em que governem auctores moraes ou cumplices do regicidio ou seus apologistas e beneficiarios.

Para que, porém, se consolide a monarchia, é necessario que seja monarchica a sua politica e que seja feita por mãos de governos monarchicos. E' preciso que os governos não vivam na monarchia como no organismo vivem as bacterias, que o destroem. E' preciso que a benevolencia jacobina para os governos não seja comprada com o sacrificio da monarchia aos republicanos. E' preciso que as *ententes* dos republicanos com os governos da monarchia, não seja esta que as pague com lingua de palmo. E' preciso que a politica dos governos da monarchia não seja conscientemente a do engrandecimento do partido republicano. E' preciso que, á primeira exigencia dos elementos anti-dynasticos, se lhes não immole uma das forças tradicionaes, em que a monarchia se apoia. E' preciso que se não distribuam aos republicanos até os proprios logares de confiança politica. E' preciso que os governos não mantenham uma atmosphera politica quasi irrespiravel para os monarchicos, a ponto de representar um acto de verdadeiro heroismo civico ser-se monarchico n'uma monarchia, e ficar-se, por esse facto, collocado entre dois fogos—o dos adversarios das instituições e o dos proprios governos que as representam. (*Continúa*).

Pesca

Desde sexta-feira passada que tem sido abundante a pesca da sardinha na nossa costa. Na segunda-feira romperam-se as redes das companhas do Polonia e João Faustino, por não poderem comportar tanto peixe. Os pobresitos dos pescadores andam radiantes.

Que seja duradoura a sua alegria.

=DE CAVACO=

—Até que emfim, sempre está liquidada a questão! Irra c'os diabos. A montanha sempre pariu.

—Pariu? Pariu o quê?

—Um rato, homem; pois as montanhas o que costumam parir senão ratos?

—Isso é verdade, mas não attinjo as altas *congeminencias* d'essa physiologia tellurica.

—Fallo dos republicanos vareiros, homem. Fizeram para ahi tanto espalhafato, tanta propaganda; espalharam tantos manifestos, escreveram tantos artigos patrioticos, fallaram tantas vezes na perdição da patria e na liberdade da urna...

—E então não estavam no seu papel? Não cumpriram o seu dever?

—Lá isso cumpriram; mas com aquellas prosapias todas escriptas em lettra redonda, sempre julguei que levassem á bocca da urna, em nome de Affonso Costa e das batatas, um terço da população!

—Um terço da população!!!

—Admiras-te. Olha que o Teixeira de Sousa tem sido a providencia do partido republicano. Se a Republica não péga agora, com o Teixeira ao leme da fragata, então é bicho certo que entra no pomo doirado da futura democracia. Lá se vae a republica por agua abaixo.

—Pois tu ainda esperavas alguma cousa da republica?

—Esperar não esperava; mas... os descontentes monarchicos teem sido tantos que cheguei a pensar, pela *lei do menor esforço*, que a republica viria pelas suas mãos, e que o Rei D. Manoel seria encurralado no convez d'um navio!

—Deixa-te de tolices, homem. Se os republicanos em Portugal forem do mesmo estôfo que os de Ovar, nem os teus bisnetos chegarão a vêr a deusa republicana.

—Ah! sim! faze-te forte! E depois espera-lhe pela volta.

—A volta está na cocheira, meu patéta. Os republicanos não valem a casca d'um caracol. Pregam a moralidade e são immoraes; evangelisam a egualdade e são uns despotas, prégam a liberdade de pensamento e são uns tyrannos que escravisam a intelligencia dos outros ao seu padre-nosso; são uns patuscos, uns patusquinhos, uns tacanhos, que nem chegam á bitóla grossa e cascuda d'um pataco falso!

—!!!.

—E' isto, meu caro, é isto, a expressão da verdade.

—Tu exageras, avolumas, confundes, homem.

—Enganas-te. Olha lá. Foste deitar o teu voto no dia 28?

—Olé. Como os melhores.

—Pois eu tambem lá fui. Certamente não presenciaste um facto, mesmo em plena assembleia eleitoral; um facto concreto e edificante.

—Conta lá isso.

—Pois accende lá o cigarro e toma folego.

—Vamos ao caso e conta o facto edificante.

—Elle ahi vae. Na occasião em que um pobre velho, tremulo, ia fallar deante da urna, exercendo a soberania momentanea da nação, é enganado por um *quidam* republicano, que de lista republicana na mão, como um cauteleiro de loteria barata, ia impingindo aos incautos a *liberdade* do voto concretisada na lista do Affonso Costa e França Borges.

—Caramba! Isso seria verdade!

—Olé se foi. O velho era amigo do sr. Soares Pinto. Ia, desta vez, votar no bloco eleitoral contra o governo...

—E contra os republicanos, que é a mesma cousa.

—Pois a esse velho, o tal *gravata* que devia trazer ao pescoço a gravata do *Petiz*, dá-lhe a lista republicana, dizendo-lhe que era a lista do sr. Soares Pinto!

—Parece incrivel!

—Pois se isto é incrivel, lá vae mais outra do mesmo *quidam* vermelho. Repara bem nesta moralidade e n'esta liberdade que a republica ha-de trazer á politica e á vida portuguesa.

—São casos tão cabelludos, que me parece impossivel o que affirmas.

—Olha. Attende e verás. Agora o caso deu-se com um votante governamental, Fui contra o governo, e talvez te parece que não deva ter muita pena que o facto se désse contra o nosso inimigo politico.

—Pois já se vê. Se deitaste pelo *bloco*, contente ficaste que os republicanos empalmassem listas ao governo.

—Enganas-te, meu velho; acima do inimigo do actual governo, ponho as minhas convicções monarchicas, embora o governo praticamente tenha pouco de monarchico.

—Pois sim, vamos ao segundo caso.

—Sem papas na lingua, meu amigo. O facto deu-se com um governamental da *Marinha*, mas é d'aquella Marinha, visinha da Ribeira, entendes?

—Perfeitamente. Um votante do logar da Marinha.

—Bem. Esse homem, que naturalmente anda ao moliço e que nunca ouviu fallar de republica, senão quando vê a sua casa n'um palheiro, em desalinho e sem arrumo, esse homem deitou este anno pela republica!

—Dizes cousas...

—E' verdade isto tudo. O homem em questão era amigo, do sr. Affonso Martins, influente governamental. Vindo á conversa o sr. Affonso com o tal homem da Marinha, perguntára-lhe se já deitára o voto.

—E o que disse o votante marinhão?

—Simplesmente isto: Acabo de deitar agóra mesmo. Foi aquelle senhor quem me deu a lista. E aponta para o cauteleiro republicano que estava ali postado a impingir listas republicanas aos monarchicos desprevenidos!

—Por isso os republicanos ainda pilharam meia duzia de votos!

—Por este processo e com auxilio de bastantes empregados, adventicios, que trabalham nas officinas do Caminho de Ferro. D'outra sorte ficavam este anno a *berimbau de galhetas*.

EM RESPOSTA

Aos communicados, que hoje inserimos, julgamos prudente não publicar a carta em questão, porque esta alem do caso do theatro, envolve outros factos que nos abstivemos de relatar na occasião propria, para não crear attrictos á Beneficencia, limitando-nos então a dirigir á respectiva Commissão um aviso amigo, ou, se quizerem, uma observação justa.

No entanto... esperamos novo communicado.

Desastre e morte na praia do Furadouro

Na quarta-feira passada, dia 24 de agosto, deu-se um enorme desastre, proveniente d'um naufragio e que custou a vida ao pescador Manuel do Rio, que com mais cinco companheiros andava na labuta da pesca do caranguejo.

Manuel do Rio era natural d'Espinho, tinha 40 annos, trabalhava na *Campanha* do sr. João Faustino, deixa viuva e 7 filhinhos orphãos.

O alarido e gritaria na praia do Furadouro foi enorme, dando-se o naufragio junto á praia, na *pancada do mar*. Os companheiros que sabiam nadar, escaparam; Manoel do Rio que não sabia nadar não quiz abandonar o barco e lá ficou submergido nas aguas. O cadaver ainda não appareceu.

Os gritos da viuva e de 6 filhinhos pequenos cortava o coração de todos os que presenciaram o naufragio e os lamentos da familia que agora se vê a braços com a mais cruenta miseria.

Os alumnos do Collegio de Santa Maria que passam as férias grandes n'esta praia, com a acquiescencia do Director d'aquelle collegio, comprometteram-se a sustentar os orphãos durante a sua estada na nossa praia. Por isso alem da esmola pecuniaria que já deram á viuva do infeliz pescador, continuam a fornecer o alimento diario ás infelizes creancinhas orphãs.

Para minorar as attribulações d'aquella familia, um grupo de banhistas organisára-se, ha dias, em bando precatorio, afim de colher algumas esmolas entre os corações bondosos que actualmente se encontram no Furadouro.

E' nobre e sympathica sempre toda a ideia de altruismo quando essa ideia tem um fim tão nobre e caritativo como este.

A' beira-mar

O' meigas ovarinas que brincaes
com os moços pescadores, á beira-mar,
tende cuidado, vêde não sejaes
pescadas pelo brilho d'um olhar.

Deveis saber que os vossos namorados
não pescam só o peixe no alto-mar;
—bem habeis elles são e adextrados
na arte de a vós mesmas vos pescar.—

Muita cautella! O peixe só nas rêdes
é apanhado, e vós, loucas creanças,
quando menos julgaes, então vos vedes
presas d'amôr, no meio das folganças...

E' que o joven vareiro, bem conhece
o meio mais seguro de pescar
as cachópas, a quem elle endoidece
e com quem vae brincando á beira-mar.

E emprega artes taes p'ra conseguir
satisfazer o desejado intento
que o vosso abbade, para o mal remir,
faz-vos, mesmo de graça, o casamento.

Furadouro
Agosto, 15-1910

F. Antunes.

Os banhos do mar

Com relação ao banho propriamente dito, as principaes precauções aconselhadas pela hygiene referem-se ao que importa fazer—*antes do banho, no banho e depois do banho.*

Antes do banho: Ao ir para o banho deve-se ter em vista que tenham cessado completamente os trabalhos da digestão.

A escolha da hora do banho depende da constituição do banhista e do fim physiologico ou therapeutico que se deseja conseguir.

Se o banhista é robusto e procura apenas no banho a tonificação da agua fria e a especie de massagem produzida pelo embate da vaga, a sua hora mais opportuna é de manhã.

Para as pessoas debeis que procuram no banho os effeitos da composição chimica da agua salgada sobre os tecidos, a hora mais conveniente é das duas horas ás cinco da tarde, quando por effeito do calor a temperatura do mar sobe cinco ou seis graus.

O uso geralmente seguido de ir directamente da cama para o mar esperando na praia que o corpo arrefeça, é essencialmente anti-hygienico.

Podemos affirmar, baseados na auctoridade dos mais abalisados especialistas, que a pelle deve estar quente ao entrar na agua, e a mesma transpiração não só não é nociva mas salutar.

Um certo exercicio moderado, um pequeno passeio a pé, ao sol, é muito util. O que mais convem evitar não é o contacto da agua com o corpo quente, é o contacto do ar. As constipações contraem-se na barraca ao despir, ou á beira da agua ao esperar.

Convirá esperar quando o corpo, está suado, que o suor se dissipe para entrar na agua?

Os auctores da *Encyclopedia das Sciencias medicas* respondem a esta pergunta citando o exemplo dos gregos e dos romanos que costumavam banhar-se ainda cobertos de suor e de poeira, ao sairem dos gymnasios em que se formava a robusta mocidade dos dominadores do mundo; e accrescentam: «O uso tão frequente dos banhos russos e dos banhos orientaes, as praticas da hydrotherapia empirica e da hydrotherapia racional demonstram até á evidencia que a immersão em agua fria do corpo suado não tem os perigos nem os inconvenientes que a rotina tenaz lhe attribue. Reduzindo a alguns minutos a duração da immersão não ha inconvenientes que recear. Não succede o mesmo quando, em vez de proceder em conformidade com a verdadeira hygiene, se segue o uso deploravel de esperar á beira do mar que o suor se evapore.»

E' importante que o banhista ao chegar á barraca, se dispa com a maxima rapidez, enfie um calção de malha de lã, se envolva n'uma capa ou n'um *plaid* e corra immediatamente para a agua, desembuçando-se no momento da immersão.

As senhoras devem usar a touca de gutta-percha para não molharem o cabello, e quando não tenham a touca não lhes convem mergulhar a cabeça. Basta-lhes refrescar repetidamente a fronte e o alto do craneo com a mão molhada durante o tempo que estiverem na agua. Molhados os cabellos no mar com agua salgada produzem mais males do que aquelles que o banho é destinado a combater. Molhados os cabellos no mar por qualquer incidente, convirá ás senhoras laval-os em seguida em agua doce com um bom sabonete até restabelecer o aceio indispensavel á hygiene da pelle.

No banho: a immersão deve ser subita e não entrando na agua progressivamente, o que faz refluir o sangue das extremidades inferiores para o peito e para a cabeça.

E' prejudicialissima durante o banho a immobilidade do corpo. Todos os membros devem estar em movimento durante a immersão. A natação é neste caso um exercicio da maior vantagem. Esta especie de gymnastica é particularmente util ás creanças affectadas de rachitismo, de enfraquecimento de espinha. Nenhum outro exercicio contribue mais efficazmente do que a natação feita de bruços para robustecer os musculos do pescoço e a columna vertebral.

A duração do banho depende da temperatura da agua, da força da onda, e da constituição do banhista.

Com o mar chão e a agua aquecida pelo sol da tarde o banho pode prolongar-se muito mais do que na maré enchente e durante o frio da manhã. Dez minutos bastam ás pessoas fracas cuja reacção se estabelece lentamente. As pessoas fortemente constituidas e as creanças que sabem nadar podem demorar-se na agua vinte ou trinta minutos.

Ao penetrar na agua sente-se um estremecimento, um calafrio geral. Depois d'isso a circulação restabelece-se rapidamente e produz-se uma sensação agradavel. Se o banho se prolonga demasiadamente o primeiro calafrio repete-se. E' o signal intimativo para sahir immediatamente. A approximação d'este calafrio presente-se perfeitamente n'um principio de perturbação no estado geral. Convem não esperar que o estremecimento se dê. Aos que se demoram demasiadamente na agua, a despeito do aviso acima indicado, o rosto cobre-se d'uma pallidez livida, o corpo arrefece, as veias desvanecem se, os pés e as mãos tornam-se dormentes; sente-se peso de cabeça e mal estar. Algumas vezes apparecem na pelle manchas roxas symptomaticas da insufficiencia da circulação capillar. Do refluxo do sangue ao peito e ao cerebro póde n'este caso resultar a congestão. Os soccorros para esse estado são as fricções immediatas e o banho aos pés em agua quente.

Depois do banho: deve ser o corpo friccionado com um lençol aspero atá dar á pelle uma cor rosada.

Comer immediatamente depois do banho, no periodo da reacção, é inconveniente. O mais salutar depois do banho é um exercicio moderado, um passeio a pé, de meia hora, na praia, debaixo de um chapeu de sol, com o cabello solto, como usam as senhoras nas praias da Allemanha.

Ramalho Oriigão.

BOLETIM ELEGANTE

Embarcou no dia 25 d'agosto com destino ao Brazil o nosso querido amigo Manoel de Sousa Ribeiro, que pelos bellos quilates da sua bondade e intelligencia tão fundas saudades deixou entre os seus amigos. Desejamos-lhe feliz viagem e que regresse um dia cheio de saude e fortuna.

—Passou no dia 28 o anniversario natalicio da ex.ma Sr.a D. Pal-

mira Nascimento dos Santos e o da menina Maria Marques dos Santos; e no dia 4 o do nosso excellente amigo Antonio Isaac Rodrigues da Silva, actualmente no Pará.

—Retirou do Furadouro o ex.mo Snr. Padre Luiz Treberne, distincto professor do Collegio de Santa Maria, do Porto.

—Faz annos no dia 5 a interessante menina Margarida, filhinha do nosso estimado amigo João Bernardino d'Oliveira Gomes.

Fez annos em 26 do preterito o sr. Antonio Augusto Veiga, nosso estimado collega do *Ovarense*.

—No dia 4 passa o anniversario natalicio do nosso bem amigo Arnaldo Arlindo Peixoto da Fonseca.

—Em viagem pelo estrangeiro lá anda o nosso amigo Dr. Gonçalo Huet e sua Ex.ma Senhora. A peregrinação nacional a Lourdes já lá o encontrou.

Passou, com demora d'alguns dias por Bordeus, encontrando-se desde alguns dias em Paris. Tenciona visitar a *Exposição* de Bruxellas antes de voltar ao ninho.

Aquillo é que é viajar e saber fazel-o.

—D'Abrantes chegou a Ovar e d'Ovar partiu para Coimbra no dia 30 d'agosto, o nosso bom amigo e correligionario Antonio Augusto d'Abreu.

CONTOS DA SEMANA

A camisa do homem feliz

(Continuação)

Puzeram-se em pratica as receitas, excepto as do inglez e do gallego, que, por ser uma muito radical, e outra demasiado aspera, foram recusadas pelo monarcha. Mas sua magestade peiorava de dia para dia, e vira-se afinal ás portas da morte. Fizeram-se preces publicas e penitencias á moda da terra, cortando os homens a sobrancelha esquerda, e as mulheres a direita; porque é achaque de crentes e idolatras não se lembrarem de Deus emquanto os não abandonam os homens. Publicou-se ao mesmo tempo um edital, offerecendo a regencia do reino a qualquer homem ou mulher que apresentasse uma receita ou um curativo capaz de restituir a saude ao regio enfermo. Mas ninguem se apresentava no palacio, e os cortezãos mais sagazes desertavam já das ante-camaras do moribundo Bertoldo I, para povoarem as do futuro Bertoldo II.

Já parecia perdida toda a esperança, quando uma tarde appareceu na capital, como se cahisse do céo, um homemzinho montado n'um burro sem orelhas, mais ligeiro que Alborah, a egua de Mafoma. Trazia nos alforges o Talmud, e na mão um guarda-chuva d'algodão encarnado, com que se resguardava dos ardentes raios de sol. Apeou-se ás portas do palacio, e disse que era um medico israelita que se offerecia a curar o rei. Sahiram a recebel-o os grandes do reino, cujas cabeças rapadas apresentavam ao longe como um immenso panorama de melões brancos. Precedido de tres arautos, entrou na real camara. Reinava alli uma luz baça: sobre um estrado, coberto com alcatifa d'Estambul e ricas tapeçarias da Persia, havia um leito de nacar, com cortinas de purpura de Tyro. Repousava n'elle de papo para o ar, o moribundo rei Bertoldo, arquejando com anhelitos que faziam oscillar, de quando em quando, a lampada de alabastro que illuminava a estancia. Sobre a carapuça de dormir tinha posta a corôa d'oiro, porque assim o mandava a etiqueta da côrte; a pallidez do seu rosto, e o avultado das bochechas davam-lhe a certa distancia o estranho aspecto de uma abobora coroada. Era de vêr como o bojudo abdomen altamente boleava a preciosa cachemira que cobria o leito; e sentado sobre esta eminencia o gato mimoso de sua magestade contemplava gravemente a agonia do grande Bertoldo I, murmurando algumas sentenças de Plutarcho no seu livro *De sera munis vindicta*.

Examinou o medico detidamente o pulso do monarcha, e executou sobre elle estranhos signaes; picou-lhe logo na cabeça com um alfinete, e o paciente não deu signaes de vida.

— Sua magestade tem a cabeçaôca — disse o israelita.

Cravou depois o alfinete no coração, e o rei não fez o menor movimento.

— Sua magestade tem coração de cortiça — acrescentou o medico.

Picou-o de novo levemente na bocca do estomago e sua real magestade deu um berro mais agudo que as ultimas notas d'uma escala chromatica. Retiniram os arabescos de ebano e oiro do tecto; os guardas, espantados, entrebateram as armas; os arautos cahiram de rosto em terra, gritando: — Só Allah é grande! O gato de sua magestade fugiu d'alli todo arripiado; os ministros e grandes do reino sentiram tambem arripiar-se-lhes nas calvas o carapito de cabello que as adornava. Sómente o israelita ficou impassivel.

— Sua magestade tem trabalhado muito com o estomago! — disse.

—A Sabedoria falla pela tua bocca—respondeu o primeiro ministro.

(Continúa).

COMMUNICADOS

PRIMEIRA CARTA

«...Snr. Director de
O Regenerador Liberal

Tendo-me um amigo chamado a minha attenção para uma local publicada no ultimo n.º do jornal que V. ... dirige, li que n'essa redacção está uma carta d'um benemerito da Commissão de Beneficencia Escolar d'esta freguezia, queixando-se da forma como foi tratado na occasião da ultima festa escolar. Confesso que dolorosamente me surprehendeu esta affirmativa, não só porque sei quanto a Commissão a que tenho a honra de presidir se esforça por ser agradavel a toda a gente e muito mais aos seus benemeritos, mas pela extranheza de quem quer que se sinta maguado ter procurado a redacção d'um jornal, antes de ter procurado e provocado quaesquer explicações da mesma Commissão.

Sendo seu presidente, não tenho conhecimento de qualquer descortezia da Commissão para com qualquer dos seus benemeritos por quem, aliás, ella tem a mais justificada e merecida consideração.

E' possivel, porem, que haja algum mal entendido, ou qualquer facto que, mesmo praticado sem proposito, tenha maguado alguem; mas como a Commissão tem andado sempre e continua com a melhor boa fé e os melhores desejos de captar sympathias para a sua obra, não terá duvida em dar explicações e apresentar desculpas a quem se sinta melindrado, quando ellas sejam justas.

Não quiz V. ... publicar a carta para não aggravar a situação e só me cabe agradecer-lhe a boa intenção.

Creio, porem, que depois de conhecer as disposições em que se acha a Commissão, não terá duvida em a auxiliar a desfazer qualquer melindre ou mal entendido, publicando na integra essa carta que certamente a V. ... foi enviada para ser publicada.

Alem de nos habilitar a remover esse lamentavel conflicto, se existe, presta V. ... outro favor á Commissão publicando a carta e indicando o seu auctor: é que ficam conhecidos os factos e sejam elles de que natureza fôr, isso é sempre preferivel a uma accusação vaga, incerta, e que portanto habilita quem lê a imaginar mil coisas, a bordar mil phantasias, que só podem prejudicar uma obra que felizmente até agora só tem recebido provas de sympathia e incitamentos á sua continuação.

Esperando dever a fineza da publicação d'esta e da carta do benemerito, subscrevo-me

Ovar, 15-8-10

De V. ..., etc.

Pedro Chaves.

SEGUNDA CARTA

«...Snr.

Não poude V. ..., por abundancia d'original, publicar a minha carta sobre a local em que no n.º 48 se referia á Beneficencia Escolar; diz V. ... no n.º 49 que se eu *«intender dever pedir satisfações ás pessoas melindradas, que o faça como intender»*.

Parece, pois, deprehender-se que era essa a intenção da minha carta.

Antes de mais ha uma rectificação a fazer: peço que não veja n'isto a minha personalidade—extranha ao caso—mas sómente a Commissão de Beneficencia Escolar, em nome da qual e d'accordo com a qual eu fallo.

Confiado n'uns principios de lealdade que a imprensa costuma religiosamente observar e V. ... certamente tambem, não guardei copia da minha primeira carta, certo da sua publicação.

Este facto, com o da má interpretação dada a essa carta, mais urgente e necessaria torna essa publicação; peço, pois, mais uma vez a fineza de a publicar e conjunctamente esta.

Como, porem, pode haver nova-

Da minha carta constava *expressamente* que a Commissão não queria pedir satisfações a ninguem, *antes queria dar* as que fossem justas. Apenas não sabia a quem dirigir-se e por isso pedia *lealmente* o auxilio de V. ... para remover attrictos que porventura houvesse. mente abundancia d'original e eu desejo ver o incidente terminado, peço a V. ... que se tal caso se dér, as publique em communicado enviando-me depois a nota da despeza para eu satisfazer.

O que muito empenhadamente pede a Commissão é a publicação da carta do seu benemerito ou, quando tal seja julgada impossivel, uma simples indicaçao do seu signatario afim de sêr procurado por a mesma Commissão para lhe dar as explicações devidas.

Ovar, 22-8-10

De V. ..., etc.

O presidente,

Pedro Virgulino Ferraz Chaves.

(21) FOLHETIM

JULIO DINIZ

AS PUPILLAS
DO
SENHOR REITOR

Chronica d'aldeia

No meio, pois, das recentes felicidades da sua vida, ella propria, por muitas vezes, se surprendia a chorar.

— Não é isto uma offensa a Deus? — dizia então comsigo — Por que choro eu? Não tenho a amizade de Clara, amizade extremosa, como ainda a não recebi de ninguem? Eu devo estar alegre e bemdizer ao Senhor, que não desvia de mim os seus olhares de misericordia.

Em um momento de expansiva conversação, Clara disse-lhe um dia, vendo-a assim triste:

— Não me dirás tu, Guida, o que hei de fazer para te vêr rir e estar alegre?

— Olha, Clarinha, a gente é como as flores, que umas nascem com côres vermelhas que alegram, outras com côres escuras que entristecem. Olha tu as violetas e os suspiros. Que te digam por que nasceram assim e por que, crescendo na mesma terra e sendo alumiadas pelo mesmo sol, não têem as côres brilhantes da rosa.

— Bem respondido, sim, senhora; d'aqui em diante hei de chamar-te sempre a minha violeta.

— Creança! E tu, Clarinha, nunca te sentes triste?

— Triste por quê? Que tenho eu a desejar para ser feliz de todo?

— Tens razão. Tu... nada.

— E tu? — perguntou Clara, fitando os olhos na irmã.

— Eu...

E Margarida sem responder ficava mais triste ainda do que até alli.

Clara impacientou-se.

— Olha, Guida. Ha muito que ando com vontade de te dizer uma coisa; mas... como que até me chega vergonha de te fallar n'isto. Eu não entendo nada d'estes enredos de justiça; mas... lembra-me, em vida de minha mãe, ouvir-te dizer muitas vezes que... nada d'isto era teu e... que d'ella recebias tu... a... a...

— A esmola do agasalho, que me dava; e era... e é assim.

— E era e é assim!... Guida! Eu não sei lá como os homens fazem essas coisas. Mas se eu sou agora, como dizes, a senhora de tudo, não quero mais ouvir-te fallar d'este modo. Quero que olhes, como teu, tudo o que me pertence; que me não tornes a dizer essa palavra tão feia, que ainda agora te ouvi. De outro modo, fico de mal comtigo; isso fico. Já o merecias, por te estares a cansar com trabalhos sem precisão.

Margarida sorriu.

— E quando, para o futuro, vier alguem tomar parte comtigo n'estes bens, pensará assim como tu?

— Alguem!... como alguem?

— Sim; julgo que não estás para freira, Clarinha.

— Ai, e pensas n'isso já? Pois bem, se assim fôr, hei de escolher quem seja digno de ser teu amigo, Guida, ou então...

— Está bom, está bom. Dá cá um beijo, e não fallemos mais n'isso. Farei tudo como dizes.

E a tristeza de Margarida não terminava ainda.

No entretanto o reitor ia-se affeiçoando todos os dias mais ás suas pupillas.

A' mais velha dizia:

— Toma-me conta em Clara. E' rapariga e amiga de brincar. Faze com que te confie todos os seus segredos. Serve-te do poder que tens sobre ella para a guiares, minha filha. Dá-lhe parte do teu juizo.

E, por outro lado, dizia a Clara:

— Olha lá, rapariga. Tu anda-me com juizinho; ouviste? E' bom rir e estar alegre, mas em termos, em termos. Segue os conselhos de tua irmã e faze por imital-a.

E, comsigo só, dizia, ao lembrarem-lhe as duas:

(Continúa).

GRANDES ARMAZENS DA ESTAMPARIA DO BOLHÃO

Os maiores, os mais antigos, os que inicIaram o systhema de preço fixo, os que mais sortimento teem e os que mais barato vendem.

Sortimento completo de todos os artigos proprios para vestuario de senhora, homem e creança, uso de casa, perfumarias, brinquedos, moveis, automoveis, etc., etc.

Quem visitar a cidade do Porto, não deve deixar de vêr os nossos GRANDES ARMAZENS que occupam uma área de 3·000 metros quadrados, n'um só pavimento

328, Rua de Fernandes Thomaz, 348 — Porto

GRANDE HOTEL E CASINO
DE ESPINHO

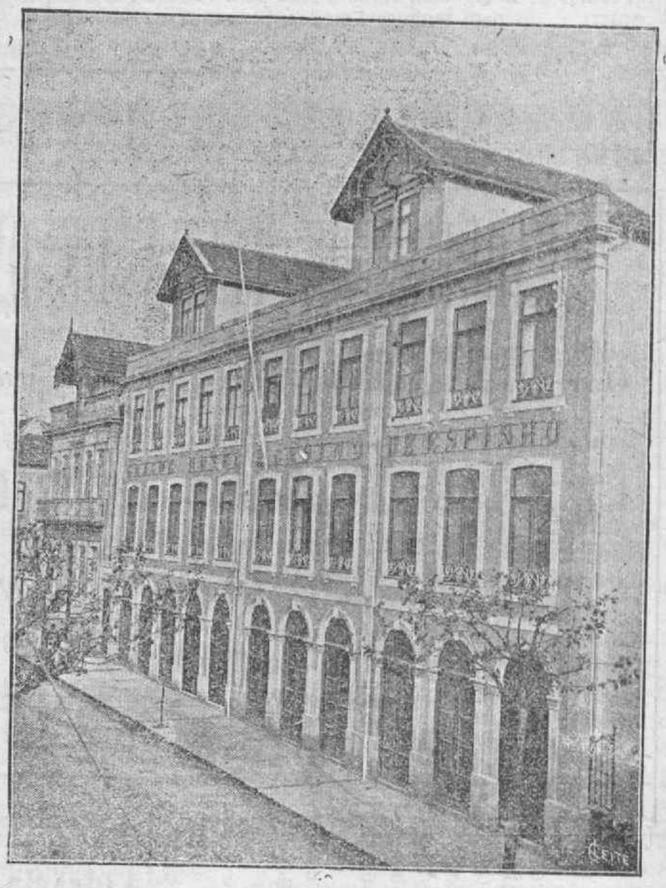
O unico hotel que nas praias de Portugal tem cozinha especial para o regimen dietetico Gereziano

PARA TODAS AS INDICAÇÕES

No Gerez, **Hotel Ribeiro**

No Porto, **Hotel Bragança**

Entre-Paredes e **Bazar do Porto,** Santa Catherina, 16



Hotel de primeira ordem

Situado no melhor local **Aberto desde 1 de junho**

TODO O CONFORTO MODERNO

Correspondencia a RIBEIRO & IRMÃO — Telephone, 5

Endereço telegraphico, GRANDOTEL — ESPINHO

HORARIO DOS COMBOIOS

Ovar ao Porto e vice-versa

OVAR — PORTO

Manhã: 4,50 — 5,52 — 7,20 — 8,6 — 9,55 — 10,44.

Tarde: 12,15 — 3,14 — 6,17 — 6,54 — 8,30 — 11,12.

PORTO — OVAR

Manhã: 4,15 — 5,19 — 6,35 — 7 — 9,39 — 11,20.

Tarde: 2,14 — 3,6 — 5,10 — 6,26 — 8,45.

HISTOGENO LLOPIS

Unico medicamento adoptado nos Dispensarios anti-tuberculosos, Sanatorios, Hospitaes da Misericordia de Lisboa, Porto e Clinicas particulares para a cura da TUBERCULOSE, Diabettes, Anemia, Neurasthenia e doenças consumptivas em geral, que, abandonadas no seu principio, dão origem á

TUBERCULOSE

O doente sente-se melhor com um frasco e curado tomando seis.

Precaver contra os productos similares **que na pratica teem demostrado se alteram, produzindo effeitos contrarios e prejudiciaes á saude.**

Peça-se sempre o Histogeno Llopis **Unico que cura Unico inalteravel**

Para a cura da DIABETES preparamos o *histogeno anti-diabetico*, **formula especial de resultados seguros na cura dos doentes submettidos a tratamento do** *Histogeno anti-diabetico.*

Formas do Histogeno Llopis **Histogeno liquido.—Histogeno granulado. Histogeno anti-diabetico.**

Preço do Histogeno Llopis **FRASCO GRANDE, 1$100 reis.—FRASCO PEQUENO, offerta GRATIS aos pobres do Dispensario anti-tuberculoso, Santa Casa da Misericordia e Hospital do Rego.**

Vende-se em todas as pharmacias e drogarias. Representantes geraes em Portugal: em Lisboa, *C. Mahona & Amaral, Limitada, rua d'El-Rei, 73-2.º*—No Porto: *Antonio Cerqueira da Motta & C.ª, rua de Mousinho da Silveira, 115.*

ARMAZENS da CAPELLA

A primeira casa das Carmelitas n.º 70

PORTO

Grande sortimento de casimiras para fatos,
Tecidos de lã algodão, linho e seda para vestidos, tapetes, malhas, confecções para senhoras, modas, pannos crus, morins etc., etc.

Vendas a preços baratissimos

FABRICA DE TELHA DE OVAR

Os preços da telha d'esta fabrica, actualmente, tanto na fabrica como no caes da Ribeira,
ou em wagon na estação do caminho de ferro de Ovar, são:

1.ª, 21$000; 2.ª, 16$000; 3.ª, 13$500 RÉIS

Isto sem desconto algum

FABRICA: LARGO do MARTYR

A sua resistencia eleva-se a mais de 100 kilos

Escolha feita a rigor

Proprietarios: **PEIXOTO, RIBEIRO & C.ª**

ESPINGARDAS DE CAÇA E TODOS OS APRESTOS

Esta antiga casa, tendo concluido as grandes obras que fez nos seus depositos e na sua loja, formando os mais vastos e mais confortaveis, recebeu o seu importante sortido de armas de caça, de todos os systemas e dos melhores fabricantes, de fabrico exclusivo para a CASA LINO, de sorte que em nenhuma outra casa será possivel encontrar uma unica espingarda egual ás que esta casa vende.

Chegou tambem o sortimento de *cartuchos de caça* e para tiro aos pombos. Accessorios de caça e pesca

Prana «Sparklets»
Vibrador «Varno»
Sorveteiras. etc., etc.

CASA LINO

40, Praça de D. Pedro, 41
PORTO

PAPEIS PARA FORRAR CASAS

Das principaes fabricas estrangeiras acaba de receber um variado e importante sortido o deposito da Fabrca de

Antonio Cardoso da Rocha

178, R. de Santo Antonio 180-PORTO

N'este deposito ha tambem grande variedade em papeis nacionaes, em todos os generos e preços, imitações de vitraux, de couros, cartões para estuque, bonds, panneaux decorativos, etc., etc.

AZULEJOS

FABRICA DE LOUÇA DAS DEVEZAS

DE

José Ferreira Valente, Filhos

RUA D. LEONOR, 114 A 134

Villa Nova de Gaya—Devezas

Louça para uso domestico em faiança e pó de pedra.
Artigos de saneamento e decorativo.
Fabrico especial em azulejo fino a rivalisar com o melhor estrangeiro.

Não confundir com a fabrica ceramica do mesmo logar. Cuidado, pois.

Preços os mais convidativos

Endereço telegraphico: AZULEJOS—Telephone, 279

Estabelecimento de Mercearia e Deposito de Garrafões

DE MARQUES & ARAUJO LIMITADA

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Rua de S. João, 44 e 45—Porto **Telephone, 616**

Uma visita á
PHOTOGRAPHIA CARVALHO
R. do Passeio Alegre, 27 e 29
ESPINHO

TODOS os trabalhos photographicos. Retratos em porcelana. Retratos coloridos a oleo, aguarella e pastel. Retratos em esmalte, semi esmalte e marfim. Miniaturas a oleo para medalhas, o que ha de mais moderno e artistico. Effeitos de luz, novidade, etc., etc. Officina de mechanica, de cartonagem e photographia mod rna. Ampliações e reproducções de valquer retrato. Transformação de vestidos e penteados

Preços sem competencia

Vidraria S. Bento

DE

Manoel Alves Barbosa

Praça Almeida Garrett, 20
PORTO

Especialidade em crystaes, vidrarias differentes, porcelanas, candieiros, louças estrangeiras e nacionaes e uma infinidade d'artigos pertencentes a este ramo.

AGUA DO BARREIRO

Cura radicalmente
a ANEMIA, CHLOROSE, as DOENÇAS do ESTOMAGO
e MENSTRUAÇÕES DIFFICEIS

Deposito em Ovar:
Viuva de Silva Cerveira.

MOREIRA, GUIMARÃES & C.

37, Praça de Carlos Alberto, 38-A — Porto

Exposição de todas as novidades recebidas directamente de Paris, Londres, Berlim e Vienna

Especialidade em tecidos para campo e praia

ATELIER DE MODISTA

Enviam-se amostras na volta do correio

José Bernardo Carlos das Neves

224, Rua das Flores, 226 (Esquina do Souto) - **PORTO**
(CASA FUNDADA EM 1776)

Especialidade em CHA' e CAFE' de todas as qualidades e todos os preços. ASSUCAR de todas as qualidades, CHOCOLATE nacional e estrangeiro.

KROQUETTES de chocolate em caixinhas de phantasia.
MASSAS alimenticias.
CONSERVAS e muitos outros generos e artigos por preços rasoaveis.

CAFE' de FAMILIA especialidade d'esta casa 500 rs. o kilo

IMPORTAÇÃO DIRECTA
PUREZA das QUALIDADES

Forma de se ganhar com especialidade a singular

Indulgencia da Porciuncula

Concedida por Christo Senhor Nosso

E intercessão da Virgem Maria Sua Santissima Mãe ao serafico Patriarcha S. Francisco; e forma da visita para bem espiritual das almas com uma antifona e oração contra a peste
Preço, 50 reis. — Vende-se na typ. Fonseca e Filho, rua da Picaria, 74.

FOSFIODOGLICINA De Lemos & Filhos

Maravilhoso medicamento para a cura das escrophulas, rachitismo, anemia, neurasthenia, etc. Ensaiado com grande exito em quasi todos os hospitaes do paiz, recommendado por centenas e attestados medicos de professores, especialistas, etc. Pelo aspecto, pelodsabor, e pelos magnificos resultados que produz, é superior ao oleo de fi gado de bacalhau, e seus derivados.

Milhares de curas. Especifico para as creanças fracas

DEPOSITOS GERAES

Porto — Pharmacia Lemos & Filhos. Praça de Carlos Alberto, 31.
Lisboa — Drogaria Pimentel & Quintans. Rua da Prata, 194

A' venda em todas as pharmacias e drogarias do reino
Preço conforme a quantidade

ALBERTO MILHEIRO

Cirurgião dentista

Prothese e operações dentarias

PASSEIO ALEGRE, 10-1.º
(Em frente ao coreto da Graciosa)
ESPINHO

TYPOGRAPHIA DE JOSÉ F. DA FONSECA & FILHO

72—Rua da Picaria, 74—PORTO

N'esta typographia, que acaba d'obter um considerado melhoramento no seu machinismo e uma grande quantidade de phantasias, executam-se com esmero todos os trabalhos typographicos.

Preços modicos e brevidade nos trabalhos.

Especialidade em bilhetes de visita e em trabalhos de phantasia

REGENERADOR LIBERAL OVAR

ILL.mo SNR.

.....

.....